

Uma prece atrevida? Notas sobre a oração de Carlos Magno no *Orlando Furioso*

Pedro Garcez Ghirardi¹

Resumo: A oração de Carlos Magno no *Orlando Furioso* de Ariosto pode parecer adotar tom “irreverente”. Contudo suas palavras estão próximas não só de tópicos literários que remontariam a fontes bíblicas, mas de práticas religiosas populares (algumas delas ainda presentes no Brasil).

Palavras Chave: *Orlando Furioso* – Carlos Magno na literatura – Literatura e Teologia – Poesia Brasileira de Cordel.

Abstract: Charlemagne’s prayer in Ariosto’s *Orlando Furioso* may seem to adopt an “irreverent” tone. Yet, its words are close not only to literary *topoi* traceable to biblical sources, but also to popular devotional practices (some of them still present in Brazil).

Keywords: *Orlando Furioso* – Charlemagne in literature – Literature and Theology – Brazilian “Cordel” Poetry.

Nota prévia: Não é possível iniciar estas breves reflexões sem aludir à alegria da ocasião em que surgem. Chegamos ao número 200 as publicações do Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente, nosso querido CEMOrOc. Fruto da tenacidade de homens e mulheres que no Brasil e em todo o mundo se devotam ao cultivo e à transmissão do saber e aos quais nós outros, que nos temos beneficiado de seu trabalho, só devemos gratidão. Dentre os muitos que haveria que lembrar, seja permitido citar um só, que a todos representa: o Prof. Jean Lauand. Sem sua dedicação à missão de educador, sem sua persistência ante os obstáculos, sem sua capacidade de reunir colaboradores em torno de um grande projeto, decerto não teríamos esta feliz comemoração. Ao Prof. Lauand e a todos os responsáveis pelas publicações do CEMOrOc vão nossos parabéns e nosso agradecimento.

Estas notas partem da evocação literária de uma das grandes personalidades da Idade Média, o imperador Carlos Magno. Sua figura, imortalizada pela épica, passou, como se sabe, por longo processo de recriação literária. Da lendária crônica atribuída a Turpim aos poemas medievais do ciclo carolíngio, das narrativas do século XV às grandes obras renascentistas, Carlos e seus paladinos tem sido protagonistas de inúmeras páginas fascinantes. Aquele processo de transfiguração, iniciado na Europa medieval, chegou às Américas com os povos ibéricos e talvez não esteja ainda inteiramente esgotado. Para ficarmos no Brasil, sabemos que Carlos e seus guerreiros, ao menos até o século XX, continuavam a ser protagonistas de surpreendentes aventuras, nas folhas soltas dos cantadores do sertão. Nesta literatura de cordel, como ensina Câmara Cascudo, tais aventuras se mostram “só comparáveis às dos *cowboys* cinematográficos”¹.

¹. Professor titular de Literatura Italiana na USP, foi o vencedor da edição de 2003 do “Prêmio Jabuti”, pela tradução de Ariosto.

Para tentar entender melhor estas e outras transformações literárias da figura de Carlos, que acabaram por trazê-lo ao mundo americano, seria preciso refazer caminhos europeus e, mais precisamente, ibéricos. Destes caminhos o que mais diretamente levou ao nosso sertão talvez tenha sido o aberto pelas *Conquêtes du grand Charlemagne*, velho texto quatrocentista francês, que logo alcançou repercussão além dos Pirineus. De sua tradução espanhola, por Nicolau de Piemonte, impressa em Sevilha na primeira metade do século XVI, derivou muito mais tarde a portuguesa, intitulada *Historia do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França*, publicada em 1728ⁱⁱ. Esta obra, editada em duas partes, conheceu difusão também no Brasil.

Do tradutor português, Jerônimo Moreira de Carvalho, pode-se dizer que neste caso confirmou o velho rifão: “quem conta um conto, aumenta um ponto”. Sua tradução (ou melhor, retradução do texto castelhano) não se limitou a transpor a narrativa original. Foi além disso e mostrou o imperador e seus pares envolvidos em aventuras que lhes foram atribuídas pelos poetas renascentistas italianos. No dizer de Câmara Cascudo, “para tornar o volume mais atraente [o tradutor] misturou a segunda parte com as narrativas de Boiardo e Ariosto”ⁱⁱⁱ.

A decisão do tradutor vinha confirmar o gosto dos leitores ibéricos pelos dois poetas renascentistas. Tanto no *Orlando Enamorado* [*Orlando Innamorato*] de Boiardo, que fecha o século XV, quanto no *Orlando Furioso*, de Ariosto, já do século XVI, reaparece com força a figura de Carlos Magno, cercado de paladinos (a começar pelo protagonista Orlando, também sobrinho seu). Fiquemos agora com o poema de Ariosto, geralmente considerado emblemático do Renascimento italiano.

Sobre a recepção do *Orlando Furioso* na Península Ibérica e sobre temas como as relações entre Cervantes e Ariosto já se tem feito indispensáveis considerações^{iv}. Quanto à difusão do poema de Ariosto no Brasil, há indícios de que haja começado ainda no período colonial, seja no original, seja na clássica tradução espanhola de Jerônimo de Urrea^v. O que se pode agora acrescentar é que desde o século XVIII, graças à tradução livre de Moreira de Carvalho, terá havido também por estas terras uma eventual difusão indireta do *Orlando Furioso*. Investigar eventuais marcas assim deixadas pelo poema, nos textos dos cantadores principalmente, é tarefa que não me consta haja sido empreendida^{vi}.

Não seria de estranhar que o cordel brasileiro e outros gêneros de literatura popular encontrassem no *Orlando Furioso* uma inesgotável fonte de narrativas. Um dos sinais do gênio de Ariosto foi criar um poema querido até dos que mal sabiam ler. Entre eles, as camponesas que o recitavam durante o trabalho, como em seus tempos viu Montaigne^{vii}. Seria longo aludir às razões de tanta popularidade. Basta aqui observar que, apesar das contínuas referências à mitologia clássica, predominante na cultura erudita da época, o poema não lhe reserva o primeiro plano da narrativa. Ariosto conserva como protagonistas cavaleiros, bruxas, gigantes e, em geral, as figuras da tradição medieval, bem conhecidas do povo. Em suas estrofes surgem o imperador Carlos Magno, seu sobrinho Orlando (ou Roldão), o mago Merlin, Oliveiros e tantos outros.

São personagens populares que recebem da fantasia do poeta novos contornos, certamente inspirados pela cultura humanista, mas sempre compatíveis com o que ficara dito nas narrativas tradicionais, então quase exclusivamente orais. Nessas figuras, por outras palavras, o ouvinte ou leitor popular reconhecia o modo de ser e de agir de heróis familiares. Este lado popular da apresentação do *Orlando Furioso* foi uma das várias razões que afastaram do poema alguns leitores eruditos. Particularmente quando o lado popular avultava em alguém como Carlos Magno. Não que o imperador já não houvesse sido mostrado de forma pouco solene e até satírica

em poemas medievais, mas o *Orlando Furioso* por vezes parece ir além disso. Há um famoso episódio em que a atitude de Carlos foi vista pelos eruditos como atrevida e indigna da maior autoridade política e militar da Cristandade. Trata-se do episódio de sua oração durante o cerco de Paris.

A oração de Carlos Magno se estende por parte do canto XIV do *Orlando Furioso* (69-72). É precedida pela descrição das cerimônias que o imperador determina, para suplicar auxílio divino aos combatentes (68); logo a seguir o poema nos conta como a prece é levada aos Céus e qual a resposta que recebe (73 e segs.). Aqui serão comentadas as duas estrofes iniciais da oração (69-70), justamente as que mais desagrado suscitaram. Nestas estrofes, depois de ter participado com todo o séquito dos atos religiosos propiciatórios, Carlos Magno assim inicia a prece:

*Et egli tra baroni e paladini,
Principi et oratori, al maggior tempio
Con molta religione a quei divini
Atti intervenne, e ne diè agli altri esempio.
Con le man giunte e gli occhi al ciel supini,
Disse: - Signor, ben ch'io sia iniquo et empio,
Non voglia tua bontà, pel mio fallire,
Che 'l tuo popul fedele abbia a patire.*

*E se gli è tuo voler ch'egli patisca,
E ch'abbia il nostro error degni supplici,
Almen la punizion si differisca
Sì, che per man non sia de' tuoi nemici;
Che quando lor d'uccider noi sortisca,
Che nome avemo pur d'esser tuo' amici,
I pagani diran che nulla puoi,
Che perir lasci i partigiani tuoi.*

Antes de comentar, convém traduzir^{viii}:

Vai Carlos, com barões e paladinos,
Príncipes e oradores ao grão templo;
Devoto assiste aos rituais divinos
E a todos edifica seu exemplo.
Postas as mãos, de olhos ao céu supinos
Diz: - Senhor, os pecados meus contemplo,
Mas, clemente, não queiras tu punir
Em teu povo fiel meu delinquir.

Ou se queres que o povo fiel padeça,
Que nosso erro encontre seus castigos,
Venham estes depois (deixa que eu peça):
Não venham pelas mãos de teus imigos;
Mas se queres que assim a morte desça
Sobre nós, tidos, sim, por teus amigos,
Dirão que nada podes os incréus,
Pois deixaste morrer os que são teus.

Pela segunda vez no poema o imperador pede ajuda celeste. Antes, quando os invasores estavam para incendiar Paris, Carlos fizera fervorosa oração (VIII, 70). Não sabemos quais as palavras desta prece; só sabemos que os Céus a atenderam, enviando chuva torrencial que afastara o perigo das chamas:

*Il sommo Creator gli occhi rivolse
Al giusto lamentar del vecchio Carlo.
E con subita pioggia il fuoco tolse:
Né forse uman saper poeta smorzarlo.
Savio chiunque a Dio sempre si volse;
Ch'altri non poté mai meglio aiutarlo.
Ben dal devoto re fu conosciuto
Che si salvò per lo divino aiuto.*

Ou, em tradução:

O Sumo Criador os olhos volve
Ao justo lamentar de Carlos Magno;
Extingue ao fogo a chuva e à terra envolve
(Não é dado ao mortal poder tamanho).
Sábio é quem seu cuidado a Deus devolve:
Terá melhor amparo que o de estranho.
Ao pio imperador o caso ensina
Que deve a salvação à mão divina.

Mas o pavor chega mais uma vez está às portas da cidade. É então que Carlos Magno volta a rogar a intervenção divina.

O que nesta segunda oração causou desagrado de leitores cultos, especialmente de certos teólogos eruditos, foi o tom da súplica, que lhes pareceu atrevido (e este todo este episódio foi um dos vários trechos do poema condenados por algumas edições do *Index expurgatorius*). O imperador fala como quem faz ver que a recusa divina trará prejuízos talvez maiores para os Céus que para o exército cristão. Desamparando os cristãos, o Senhor perderia o respeito de seus adversários, acabaria, como hoje coloquialmente se diz, com “o prestígio abalado”.

Os versos mais censurados foram estes:

Mas se queres que assim a morte desça
Sobre nós, tidos, sim, por teus amigos,
Dirão que nada podes os incréus,
Pois deixaste morrer os que são teus.

Os menos versados em Teologia, por outro lado, nada acharam aqui de estranho ou reprovável. Nesta oração reconheceram, perfeitamente, o piedoso Carlos Magno das narrativas orais e não se inquietaram com nenhum dos termos da oração. Enfim, permanece a dúvida: até que ponto caberia ver aqui uma prece atrevida, inoportuna nos lábios do grande defensor da Cristandade?

É sabido que Ariosto contempla o mundo com olhar bem-humorado. Seu famoso sorriso, como dizem os intérpretes, é sempre crítico e, quando necessário, não poupa ambientes eclesiásticos e figuras religiosas. Daí a imagem do poeta ironicamente incrédulo, que atraiu leitores como Voltaire. Embora ainda divulgada, a

imagem é discutível, no mínimo. A leitura atenta de todo o poema leva a observar que tanto na crítica a setores da Igreja quanto ao expressar admiração por figuras e instituições cristãs (o que é menos lembrado) o que antes se poderia ver é a participação de Ariosto no espírito religioso de *renovatio*, tão difundido entre os séculos XV e XVI^{ix}.

Agora, porém, fiquemos no ponto comentado por estas breves notas, o tom supostamente atrevido da oração do imperador. Foi o que se reprovou principalmente no trecho há pouco citado, cujas palavras seriam teologicamente inadmissíveis numa súplica à divindade. Melhor observada, porém, a oração do Carlos Magno de Ariosto talvez nada mais faça que retomar antigas tradições. Tão antigas que podem remontar às próprias Escrituras. Já Moisés suplicava ao Senhor que não deixasse que os egípcios escarnecessem do povo de Israel^x. E o salmista lembrava ao Senhor que não convinha permitir que os pagãos duvidar duvidassem de Sua força. Dizia a *Vulgata*: “*ne quando dicant gentes, ubi est deus eorum?*”^{xi}. Não parece longe destas palavras o que aqui lemos em Ariosto. Mostrar aos Céus a urgência de salvar seus fiéis necessitados veio a se tornar tópica habitual no discurso religioso. Poderíamos achá-la também em outros escritores. Para nos limitarmos a exemplo muito conhecido, basta recordar que Vieira, pedindo a Deus a vitória contra os invasores, usa destas palavras:

E eu digo e devo dizer: Olhai, Senhor, que já dizem. Já dizem os hereges, insolentes com os sucessos prósperos, que vós lhe dais ou permitis; já dizem que porque a sua, que eles chamam religião, é verdadeira, por isso Deus os ajuda e vencem; e porque a nossa é errada e falsa, por isso nos desfavorece e somos vencidos^{xii}

Longe de irreverente, portanto, a oração do Carlos Magno de Ariosto tem raízes sólidas, bíblicas até. Foi o que intuíram os leitores que logo a acolheram como expressão de devoção verdadeira do imperador cristão. Muitos, em horas aflitivas, talvez já tivessem dirigido aos Céus desabafos semelhantes. E justamente nisto o poema novamente se aproxima do mundo da devoção popular.

Ainda hoje, como é sabido, a religiosidade do povo mostra inesperada liberdade no trato com a divindade e com seus representantes. Isto ocorre não só em casos de calamidade pública, mas ainda em situações de necessidade pessoal ou familiar. É bem conhecido em certas regiões brasileiras, por exemplo, o costume de pedir a intercessão de um santo ameaçando-o com medidas “punitivas” enquanto não se esforce por alcançar dos Céus a graça suplicada. Isto ocorre particularmente com o popularíssimo Santo António. Invocado no Brasil como “casamenteiro”, o santo franciscano fica às vezes sujeito a tolerar o tratamento vexatório reservado à sua imagem por devotas inconformadas com a demora no bom despacho dos pedidos. Quem o confirma é ainda Câmara Cascudo: “As moças submetem as imagens de Santo António a todos os suplícios possíveis, na esperança de um rápido deferimento”^{xiii}.

Práticas supersticiosas, dirão com razão alguns, mas que mesmo assim revelam nos que pedem a certeza de terem nos Céus amigos que não são insensíveis nem indiferentes, pois continuam capazes de participar dos sofrimentos e temores humanos.

Com amigos assim parece ter contado o Carlos Magno de Ariosto. E sua expectativa não falhou, ao menos no plano da literatura. A oração “atrevida” é reforçada pelos habitantes dos Céus, que unem à prece do imperador suas próprias súplicas. A resposta não tardou e, aliás, nada ficou a dever em “irreverência” ao

pedido que a provocara. Mas comentar a resposta divina iria além destas notas: será talvez para outra conversa sobre a interminável riqueza do *Orlando Furioso*.

Notas

ⁱ Luís da Câmara Cascudo, *Cantadores e Vaqueiros*. Belo Horizonte e São Paulo, Itatiaia e EDUSP, 1984 (1ª. ed. 1939), p. 132.

ⁱⁱ A.A. Gonçalves Rodrigues, *A Tradução em Portugal*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992, vol. I, p. 106.

ⁱⁱⁱ Luís da Câmara Cascudo, cit.

^{iv} Além do estudo fundamental de Maxime Chevalier, *Arioste en Espagne (1530-1650)*, Bordeaux, Institut d'Études Ibériques et Ibero-Américaines de l'Université de Bordeaux, 1966, merecem lembrar-se as eruditas anotações da organizadora de recente edição espanhola do *Orlando Furioso* (Madrid, Cátedra, 2002, 2 vols., organização de Cesare Segre e María de las Nieves Muñiz).

^v Peço licença para remeter a meus estudos “Poesia e Loucura no *Orlando Furioso*”, que serve de introdução à tradução de *Orlando Furioso (cantos e episódios)*, Ateliê, 2002, especialmente p. 36-37, “Ariosto in Brasile: cenni sulla fortuna dell’*Orlando Furioso*”, *Revista Internacional d’Humanitats*, 4/2001, p. 57-62, disponível em www.hottopos.com

^{vi} Tarefa que talvez pudesse começar pela “História de Genevra”, certamente derivada do *Decameron* de Boccaccio, como bem observa Câmara Cascudo (op. cit., p. 241 e segs.) mas em cuja versão brasileira talvez possa ecoar também o episódio de Genebra, dos cantos V e VI do *Orlando Furioso*.

^{vii} Cf. meu estudo “Poesia e Loucura no *Orlando Furioso*”, cit., especialmente p. 25.

^{viii} Tradução minha, publicada em *Orlando Furioso*, Ateliê, 2011.

^{ix} Procurei desenvolver esta interpretação em meu estudo “Gravuras, leituras, loucuras: visões do *Orlando Furioso*” (é a introdução ao *Orlando Furioso*, Ateliê, 2011).

^x Cfr. Ex, XXXII, 12.

^{xi} Salmo 113 [115], 2.

^{xii} Padre Antônio Vieira, “Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda”. Cf. *Obras escolhidas do Pe. Antônio Vieira*, Lisboa, Sá da Costa, vol. X (“Sermões”), tomo I, p. 54.

^{xiii} Luís da Câmara Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo, Melhoramentos, 1979, 5ª. ed., verbete “Antonio”, p. 62.

Recebido para publicação em 17-06-12; aceito em 18-07-12